

## Sobre um “projecto de arquitectura” a partir do Porto

Ainda que de forma simplificada pela circunstância, parte-se do princípio de que a arquitectura não se expõe, expõe-se em si mesma como coisa construída. Podem-se realizar instalações que talvez sejam manifestos de arquitectura, modelos de arquitectura, captura de projectos de arquitectura, encenações de experiências ou invenções de espaço, forma, matéria; seguramente, intervenções - alterações num espaço organizado. Podem-se realizar exposições de documentos de arquitectura - documentos relativos ao processo projectual reconhecível ou problematizável no (per)curso de um autor e uma geração, de uma região, na identificação - resolução de um problema arquitectural, ou relativos ao processo de materialização da tradução formal de uma estratégia arquitectural; exposições, documentos, relativos ao processo de vivência e apropriação de um dispositivo arquitectónico como despertador de lugares, ou relativos à vida de um edifício, como amplitude dizia Fernando Távora e diz Rafael Moneo.

Como se parte, igualmente, do princípio de que uma instalação - exposição é em si um gesto de expressão e realização arquitectónica, pese a sua natureza cenográfica e/ou ficcional. No caso, um edifício existente, decididamente marcado pelo projecto - de - arquitectura do seu autor - e igualmente marcado pelo projecto - de - arquitectura que orientou a sua reabilitação -, emblemático pela revisão a que procedeu ao programa da habitação doméstica portuense, serve, no confronto e alguma complementaridade, à viabilização de um dispositivo instalador que visa informar sobre outro(s) projecto(s) - de - arquitectura, sobre registos de um processo projectual para uma habitação unifamiliar, não construída, a qual, além das diferenças de lugar, de momento, de problema e de procedimento, convoca a outros preceitos no dar forma à organização do espaço. Acrescentaram-se novos elementos sem negar em absoluto a arquitectura existente, antes orientando ambos para outros propósitos de permanência e comunicação; confrontar a linguagem e a atmosfera de aparato marca da casa - atelier Marques da Silva, ferir a teatralidade estável dos seus dispositivos de distribuição ou a economia dos seus compartimentos, jogar com os seus preceitos de composição e disposição, forçando a arquitectura existente para outras experiências de espaço, de escala, de forma, de expressão, de sentido.

Expôr um projecto inédito de Alfredo Matos Ferreira e Álvaro Siza, ou fundamentalmente de Siza como afirmava o primeiro quando se referia a esta ocorrência profissional em algumas entrevistas no fim da vida; mas, simultaneamente, evocar a luta quotidiana dos arquitectos portuenses nos anos 50 e 60 pela manifestação prática da cidadania plena da arquitectura, pela autonomia do praticar da arquitectura. Assim, a este propósito convoca-se o contexto

profissional particular onde se gerou o projecto para o Dr. Américo Durão - o ambiente da “sala 35”. Inicialmente no edifício Imperial, desde 1949, a sala 35 e uma outra alugada no mesmo andar - (d)áí evoluíram amizades e distâncias, (d)áí cresceram projecto(s) - de - arquitectura. Mais tarde, em 1968, uma velha casa do século XIX na rua Duque da Terceira serviu para encontro e partilha de experiências, à formação e início de prática profissional a Alberto Neves (antes de se tornar colaborador em permanência no escritório de Fernando Távora), Alfredo Matos Ferreira, Álvaro Siza, António Menéres, Joaquim Sampaio, Vasco Macieira Mendes na primeira fase e, mais tarde, Luís Botelho Dias. Se Álvaro Siza, António Menéres, Joaquim Sampaio fizeram passagem profissional pelo escritório de Fernando Távora, já Alfredo Matos Ferreira fez arranque e vida profissional autonomamente, graças ao apoio e encomendas sucessivas de seu tio Américo Durão.

Talvez por isso e por uma predisposição ao trabalho com outros, foi-se associando a ou com os vários companheiros de escritório formalizando ou integrando equipas mais ou menos circunstanciais: Joaquim Sampaio, por exemplo na “Capela de Santo Apolinário” (1960) ou na casa em Torres Novas (1963); António Menéres, no projecto não construído para a “Casa do Povo e Centro de Saúde” em Linhares, (1963); Álvaro Siza no projecto para a casa na Parede, e que na altura tinha em diferentes fases de construção, entre outros, a “Casa de Chá de Boa Nova” (1958-63), as piscinas em Leça (1958-65) e (1961-66), a Cooperativa de Lordelo (1960-63), a casa na Maia (1960-69); Luís Botelho Dias, por exemplo na “Unidade residencial de Vale de Ferreiros”, Gondomar (1971) ou a casa em Salgueiros (1971).

O Dr. Américo Durão (Torres Novas, 1894 - Funchal, 1985) viveu no Funchal, onde se estabeleceu como médico, fundando uma clínica médico-cirúrgica, com particular incidência na especialidade ortopédica, realizando tratamentos inovadores com recurso a sistemas por si idealizados, apresentados em congressos médicos internacionais, nomeadamente em Paris, a meados dos anos trinta.

Homem empreendedor, de nível económico elevado, aplicou parte dos seus ganhos em actividades de fomento agrícola e florestal em Urros, promovendo aí a reabilitação e ampliação do património edificado que herdara conjuntamente com a sua irmã Berta Durão, mãe de Alfredo Matos Ferreira. Até finais da década de sessenta, coube a este a gestão de todo esse património, sendo autor do projecto de todos os equipamentos construídos nessas várias propriedades.

Na Madeira ficou igualmente conhecido como o Comodoro Américo Durão, por possuir a maior frota de embarcações de recreio da ilha, “toda ela construída na Madeira, por artífices locais, provavelmente única no seu género

em Portugal”. Sócio fundador do Clube Naval do Funchal, desportista aventureiro, foi o primeiro amador a caçar baleias em águas madeirenses e muitas são as proezas náuticas e piscatórias, nomeadamente, na captura de exemplares de grandes dimensões de espécies raras na região. A sua frota integrava lanchas, baleeiras, iates de luxo de várias dimensões, barcos de pesca desportiva, um veleiro, o “Albatroz, iate mais veloz nas regatas oceânicas Lisboa-Madeira, em 1950 e 1954”.

Nas deslocações ao Continente alojava-se em casa de família. Por vezes, cioso da sua privacidade, recorria ao hotel, o Grande Hotel do Estoril. Foi aqui que, em Novembro ou Dezembro de 1964, se deu o encontro com os jovens arquitectos para a apresentação do projecto que tinham elaborado para a casa que pretendia edificar em parcela nobre na Parede, reunião da qual saíram “completamente destróçados porque sabíamos que nada disto ia para a frente.”

O território da Costa do Sol, reflexo das suas características atmosféricas, climáticas, morfológicas da região, evoluiu como área privilegiada para práticas terapêuticas de doenças ósseas e pulmonares, para a prática de veraneio marítimo.

Em 1933, Duarte Pacheco entregara a Alfred Agache a traça a que haveriam de obedecer, no futuro, todos os elementos de aproveitamento e valorização da faixa marginal a ser servida pela primeira estrada de turismo edificada em Portugal. Pretendia-se, com a construção bem planeada da estrada marginal, oferecer aos viajantes os melhores panoramas da Costa do Sol, com curvas e rectas que “foram estudadas para promover um efeito cenográfico que a torne encantadora, concorrendo

para o incremento e expansão da fama da Costa do Sol”. A turística e panorâmica estrada marginal, a Auto-Estrada da Costa do Estoril, pretendeu ser um eixo viário de eleição, a percorrer de automóvel pela franja social mais elevada e com destino ao Estoril e Cascais, as vilas cosmopolitas das termas, do veraneio, dos casinos e das ancestrais famílias europeias que numa Europa em conflito ali buscavam discrição e diversão.

Em Junho de 1942 está concluída a Estrada Marginal (1940) e o primeiro troço da Auto-Estrada Lisboa-Cascais ao Jamor. A sua construção teve impacto significativo numa quinta-jardim com cerca de 1 hectare, localizada à saída da Parede, propriedade que o Dr. Eurico Fernandes Lisboa, conceituado oftalmologista da época, que aí mandara construir uma casa de família para a época balnear, junto à costa (praia das Avenças): a implantação da marginal separou a quinta da costa e praia. No final da década de 50, a quinta será partilhada pelos cinco filhos do médico, e parte substancial da propriedade será sujeita a operação de loteamento. Após ponderação sobre as dimensões das parcelas, a exposição ao estuário do Tejo e baía de Cascais, os custos da aquisição de terreno, as possibilidades de implantação da construção que pretendia edificar, o Dr. Américo Durão adquirirá duas parcelas partilhando meação segundo o eixo norte-sul, de 1000 e 1365 metros quadrados, a norte e a sul respectivamente.

Como disse Alfredo Matos Ferreira tratar-se-ia de “uma casa muito rica”, para um celibatário de poses generosas, que pretendia edificar uma habitação com piscina e campo de ténis, permitindo-lhe isolamento suficiente para apanhar banhos de sol, cultor que era dos benefícios da helioterapia para o corpo. O terreno permanece como adquirido.

### Ficha Técnica

**Investigação, concepção, coordenação**  
Manuel Mendes  
**Dispositivo expositivo**  
Manuel Mendes, colaboração de Tiago Ascensão  
**Produção**  
Fundação Marques da Silva  
**Imagem e Comunicação**  
Rui Guimarães

**Execução de modelos**  
Alberto Lage (coordenação), Ana Pinheiro, Beatriz Freitas, Catarina Vieira, Hélder Lima e Madalena Almeida  
**Execução de mesa**  
João Valentim  
**Agradecimentos**  
Teresa Seródio (digitalização de imagens); Teresa Godinho (tradução do texto A. Aalto); Rui Pinto (montagem).

Organização:

FUNDAÇÃO  
**MARQUES  
DASILVA**

Apoios:

**U** PORTO  
FACULDADE DE ARQUITECTURA  
UNIVERSIDADE DO PORTO

**OA SRN**

**CRIAPLAC**  
Com. Gross. Mat. Construção, Ld

**PLADUR**

**AMORIM**  
ISOLAMENTOS



Casa-Atelier José Marques da Silva

13 de Outubro 2017 . 18 de Janeiro 2018

De 3ª a 5ª feira, das 14:30 às 17:30

FUNDAÇÃO  
**MARQUES  
DASILVA**



## Desenrolar uma experiência de desenho como lugar de ensaio

Habitação Dr. Américo Durão, Parede-Cascais, Alfredo Matos Ferreira / Álvaro Siza, projecto, 1961-67

Habitação Dr. Américo Durão

“(...) Olhei de volta e vi um povo, que era o meu e tinha a resposta: cerâmicas, azulejos dos XVII e XVIII, utensílios gravados, rendas, bordados, santões. Ex-votos, sei lá! Era um mar. E logo fui ver os pintores da pintura, e de todos ficou-me a ideia certa que haveria uma tradição contínuada, também neles: de atitude. Atitude sim, isto de olhar, remoer e sentir e tentar em baixo do mesmo céu. Calei. (...) / E quanto à estética própria que dizer? Por raça, estamos opostos à lógica da escola francesa. Nó amamos no objecto o seu valor mágico e não o seu valor de presença. Respeitamos, não a sua forma lógica mas o seu potencial mágico. Que é isto senão uma estética? (...) / Que arte, é ter o coração na cabeça, e um cruxifixo não é um cabide nem uma forca. É uma alma em sangue. É um anti-esquema. Recusemos esta arte, que é um formalismo estéril. (...) Forma que não cria o respeito interior. Forma que abandona progressivamente o contacto com o humano sem comunicar com o mágico. Forma onde a capacidade de sonho é limitada porque só inteligente, resultando em orgulhosa, excessiva auto-homenagem. Forma que pecou no amor de si mesma e agoniza sem relação. Forma que confessa ausência de conflito e íntima riqueza. (...) Que é içar vela sem vento. Que é comer sem fome o peixe vermelho ou o pássaro cantor. Que é dar um cão capado a uma cadela aluada!...

**António Quadros, *Manifesto . Da Pintura, Porto, 1958.***

“Um arquiteto foi chamado a participar da resolução de um problema e fê-lo como julga que se resolvem os problemas, sobretudo os que se referem à elaboração de um projecto: apoiando e promovendo o aumento do número de pessoas a pensá-los responsabilmente, sem diluir a própria responsabilidade. Partiu de ideia apontada na primeira visita, porque considera que não se projecta somando bocados de informação, e que esta serve, se aplicada a uma ideia, para a corrigir e a definir. E que a ideia está no ‘sítio’, mais do que na cabeça de cada um, para quem souber ver, e por isso pode e deve surgir ao primeiro olhar; outros olhares dele e de outros se irão sobrepondo, e o que nasce simples e linear se vai tornando complexo e próximo do real – verdadeiramente simples. E julga ainda que quase tudo ficará naquela enorme gaveta que poderia contar, tanto ou mais do que o pode o espaço português, a história da arquitectura dos arquitectos e da destruição da outra. Gaveta cujo conteúdo seria útil estudar, com o rigor e a objectividade de quem tenha mais desejo de o conhecer do que de o aumentar.”

**Álvaro Siza, s/t, in *Quaderns d'Arquitectura i Urbanisme* nº 159, Out./Nov./Dez. 1983, p. 2.**

“Habitação Dr. Américo Durão” é uma experiência de projecto inédita até ao momento, uma experiência que permaneceu reservada no arquivo profissional de Alfredo Matos Ferreira; um projecto referenciado nas várias versões do currículo profissional por si elaboradas, um registo sumário de uma ocorrência profissional, sem recurso a qualquer tipo de documentação.

O primeiro registo documentado ficou reservado para o livro “Memória”, essa espécie de arrumação de vida que Alfredo Matos Ferreira embalou como fuga ao irrevogável. Presente os critérios que foi (es)forçando para vencer o murmúrio recodatório da memória, “Habitação, Parede, 1964, 1965” é uma inscrição sumária na síntese cronológica do seu percurso profissional, “1950 - 2005. Obras e projectos”, uma listagem documental de todos os trabalhos que realizou ou partilhou, e que, remetida para o fim do livro, parece oferecer-se como *voz* do carácter essencial da sua obra.

Nessa revisitação ao que tinha vivenciado profissionalmente, a Alfredo Matos Ferreira nenhum remorso colocaria a cega ou dúbia entrega ao esquecimento desse estudo para uma habitação para o seu *tio mecenas*, a edificar numa área nobre na Parede, numa parcela de grandes dimensões, exposta ao estuário do Tejo, à baía de Cascais.

Naquela revisitação, importou-lhe (a lembrança d)lo desafio e o prazer de projectar-aprender, sem deixar de experimentar, num tempo de controvérsias sobre a identidade e a construção da modernidade; e partilhar tudo isto com Siza, elevava ao fim-do-mundo a expectativa da realização duma *obra-nova*. Importou-lhe, ainda, e muito, uma condição, um sentido de dever para com (os) outros, para com a comunidade, de rigor ético para consigo, simplesmente porque o que, eventualmente, fosse votado a esse esquecimento, de facto não fora anulado.

\*

A informação naquele momento liberta é a nota bastante para se entender que, no caso, a acção configurou algo próximo de um anteprojecto, combustão para arquivo, portanto; um processo projectual de

Verso

Verso do projecto

resultado magro, contraditório, eventualmente problemático, inconcluso; aproximações para viabilizar uma solicitação que não passou de uma ilusão.

Tudo parece, pois, orientar e convencer à descrição do registo.

Todavia, informação liberta tornou-se progressivamente corpo de uma curiosidade voraz – uma provocação, um exercício de sedução. Quando da preparação do “Memória”, após várias insistências, numa passagem rápida pelo arquivo, localizam-se três pastas relativas àquelas três fases de projecto, identificadas e tratadas por Alfredo Matos Ferreira, e nas quais ser preservavam alguns desenhos de estudo da autoria de Álvaro Siza. Após o seu falecimento foi possível entrar, deambular, estudar, o arquivo da sua prática profissional; particularmente, ir atrás da “Habitação, Parede, 1964, 1965”, do que ficara estancado naquele breve mas inesperado instantâneo.

No primeiro momento, os documentos digitais, enxutos no propósito comunicacional, produzidos pelo arquiteto a partir dos desenhos da época, desenhos que ora dizia perdidos, ora considerava desnecessários para a compreensão do projecto em questão, o livro.

Logo a seguir, o modelo original que fora realizado no escritório da Duque da Terceira, para apresentação ao Dr. Américo Durão.

Não muito tempo depois, vários desenhos de estudo de Álvaro Siza, os quais surpreendiam na tradução da forma de pensar, na aproximação-compreensão do problema que ali estava em resolução; e depois as coleções de negativos e provas em papel, do modelo original, muitas e de poses estudadas; e depois peças soltas de um processo projectual desenvolvido, aparentemente, em três tempos, sugerindo uma *experiência-de-desenho* de variações bem mais musicais do que o cantado pelas palavras do Alfredo Matos Ferreira; e seguiu-se a tontura, um conjunto de esquisos de Álvaro Siza, folhas de bloco, A4’s, não assinados, não datados à exceção de um, ASiza (como se fosse preciso) 16/10/62.

Certo dia, um golpe mágico, *as meninas*, debaixo do braço, trouxeram caixas grandes, de Urros: de

Barrais, chegaram duas espessas pastas arquivo da época, documentação administrativa, correspondência, processos de licenciamento incompletos, documentos camarários, memórias descritivas, plantas topográficas, orçamentos, folhas de gestão do trabalho com anotações processuais, as mais antigas Dezembro de 1961.

\*

A informação libertada em “Memória” fora o sinal bastante para se considerar que a “Habitação, Parede, 1964, 1965” se tratara de um andamento para acertar condições e entendimentos de projecto para construção de uma habitação nos arredores de Lisboa; uma possibilidade que se estendeu por dois anos, mas não passou de uma expectativa animada em três episódios, diferenciados entre si, sem elementos de continuidade nas propostas sucessivamente desenhadas: 1964, autoria partilhada com Álvaro Siza; 1964, autoria própria; 1965, autoria própria com menção à colaboração do engenheiro Aires Pereira. Uma identificação – ano, programa, lugar – para documentação discreta: proposta 1, fotografia do modelo da solução realizado à época, em vista geral de nascente, integral, informando da disposição na parcela e da composição volumétrica; proposta 2, planta do rés-do-chão, perspectiva em desenho digital, vista aérea poente; proposta 3, planta do rés-do-chão, perspectiva em desenho digital, vista aérea nordeste.

Entretanto, a informação reunida tornou-se um fundo informativo de relativa extensão. Um fundo pertinente pelo que documenta dos diferentes momentos de uma experiência de projectação partilhada; diversificado na tipologia dos materiais produzidos, ainda que profundamente desequilibrado no que respeita ao registo do real envolvimento dos dois autores em cada momento do projecto. No presente momento, um fundo de recenseamento fechado, já que estará reunida toda a documentação integrada no arquivo de Alfredo Matos Ferreira; faltará uma consulta ao arquivo camarário, para saber da evolução da apreciação camarária.

No desenrolar dessa experiência de desenho, a “Habitação Dr. Américo Durão” tornou-se um lugar de ensaio.

A “Habitação Dr. Américo Durão” é um projecto não construído da autoria de Alfredo Matos Ferreira e Álvaro Siza Vieira, à data profissionais tirocinantes, e que à época partilhavam escritório, primeiro ainda nas salas alugadas no edifício Imperial e depois nas redondezas da Escola de Belas Artes, com António Menéres, Joaquim Sampaio, Luís Botelho Dias, Alberto Neves (este, seguramente, será mais a passagem pela amizade, já que se tornara colaborador preponderante no escritório de Fernando Távora).

Foi uma acção que se desenvolveu entre 1961 e 1967, em seis actos e ainda algumas variações. Um acção que teria constituído, se materializada em obra, uma das primeiras realizações de arquitectos do Porto na região de Lisboa, na marginal Lisboa-Cascais.

Uma acção que revela informação original e pertinente para a compreensão do percurso de cada um dos seus autores, nomeadamente no que respeita à arquitectura doméstica: pela primeira vez, Álvaro Siza ensaia aqui a cobertura plana no programa da casa, algo que já tinha experimentado nos equipamentos, Cooperativa de Lordelo (1960-63), Piscina das Marés, Leça da Palmeira (1961-63), mas algo que só realizará de facto na casa na Avenida dos Combatentes (1967-70), depois uma tentativa não concretizada casa Adelino Felgueira, Marco de Canaveses (1966). Uma instrução que marcará também Alfredo Matos Ferreira, nomeadamente no projecto para uma habitação em Miramar (1973), não construído. Mas, sobretudo, sinaliza um momento operativo na crítica à abstracção da Arquitectura Moderna e, simultaneamente, um ensaio a questionar e a ultrapassar as ressonâncias do “Inquérito à Arquitectura Popular Portuguesa” – à época ainda muito cultivadas no contexto da arquitectura portuguesa da década de sessenta –, ao encontro de uma Arquitectura clara, por uma casa livre.

5 de Outubro de 2017

**Manuel Mendes**

### Nota(s) biográfica(s)

**Alfredo Matos Ferreira** nasceu em Lisboa, em 1928, viveu grande parte da sua vida no Porto, onde faleceu em 2015. As suas raízes, por motivos familiares, estão profundamente mergulhadas em Trás-os-Montes, circunstância que decididamente o orientou como pessoa e lhe marcou convicções e valores de vida. Moncorvo e Barca d’Alva, particularmente Urros, terra e povo, paisagem e casa, pessoas e trabalho, ofícios e artistas, os quais evocava amiúde. Arquitecto, formou-se pela Escola Superior de Belas Artes do Porto, terminando o Curso Superior de Arquitectura em 1959. Nunca chegou a concluir o trabalho que, em 1961 alinhara para o Concurso para Obtenção do Diploma de Arquitecto – “Reconversão urbana e agrícola para a aldeia de Urros” –, optando em 1973 por sujeitar o seu

*Curriculum Vitae* a procedimento burocrático, visando a obtenção administrativa do documento de curso, por questão de oportunidade e necessidade profissionais. Entre 1970 e 1972 colaborou no escritório de Arménio Losa. Em 1972, estabeleceu sociedade profissional com Fernando Távora, a convite deste, por um período de dez anos; a única pessoa a quem Távora admitiu tal estatuto. Mas no pequeno escritório próprio, num exercício que se estendeu por mais de 50 anos, culti­vou sempre o exercício profissional em equipa, numa geometria variável de gerações e experiências, sendo autor de obra importante, mas pouco conhecida, no quadro da produção arquitectónica portuguesa da segunda metade do século XX: habitação, equipamentos universitários, projecto urbano.

**Álvaro Siza** nasceu em Matosinhos, em 1933. Estudou na Escola Superior de Belas Artes do Porto, entre 1949 e 1955. Diplomou-se em arquitectura em 1965, apresentando ao Concurso para Obtenção do Diploma de Arquitecto o projecto “Habitações em Moledo do Minho, Habitação Rui Feijó”, classificado com 20 valores. Em 1954, um grupo de casas em Matosinhos marcou o início da actividade profissional, ainda “durante os anos de escola, por falta de paciência para simplesmente estudar”. Entre 1955-58 foi colaborador de Fernando Távora, “pelo que continuou os estudos”. “Empenhou-se num projecto colectivo da época: não ser tradicionalista e não ignorar as raízes”. Arquitecto ‘português’, do ‘Porto’, Álvaro Siza, faz mais de cinquenta anos, vem traçando uma obra que pertence

ao tempo todo. Cidadão do mundo, não se reconhece em rótulos, mas “conhece muito bem os limites do seu jogo e a inutilidade de querer pedir à arquitectura de hoje algo mais do que os seus recursos permitem: projectar é aprender os limites da evasão, “o desenho é o desejo de inteligência”, “a arquitectura arte de domesticar a indecisão”. Na década de sessenta, com a Boa Nova e a piscina na Quinta da Conceição, já não existe margem para dúvidas: “a criação arquitectónica nasce de uma emoção, a emoção provocada por um momento e por um lugar”, num designio em que “o projecto e a construção exigem dos autores que se libertem dessa emoção num progressivo distanciamento transmitindo-a inteira e oculta”.